

Educomunicação: A inovação da práxis através da expressão fotográfica

Bianca Liège Barreiro de Araujo², Jackson Bandeira do Nascimento², Jaedis Dutra Caiçara², Ligia Beatriz Carvalho de Almeida^{1,2}

¹ Professora orientadora - Unidade Acadêmica de Arte e Mídia - Curso de Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação – Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) - Campina Grande - PB - Brasil

² Unidade Acadêmica de Arte e Mídia - Curso de Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação – Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) - Campina Grande - PB - Brasil

biancaliegeba@gmail.com, jacksonbandeira7@gmail.com,
jaedisd@gmail.com, ligiabia@gmail.com

Abstract. *Understanding the Educommunication as a new social intervention field, originated from the intersection between the areas of communication and education, the aim of this work intends to present an intervention held with high school students of a public school. According to the result of the diagnosis made on the communicative ecosystem in which the participants were inserted, wishing to intervene in their reality, empowering and teaches them to use a technological tool to improve photographic records with higher visual quality and self-recognition, the interveners used techniques and photographic components as a way of education to express communication through the arts.*

Resumo. *Entendendo a Educomunicação como novo campo de intervenção social, oriundo da interseção entre as áreas da comunicação e a educação, este trabalho apresenta uma ação interventiva realizada com alunos secundaristas de escola estadual. A partir do resultado obtido com o diagnóstico do ecossistema comunicativo em que os participantes estavam inseridos, os interventores optaram por usar técnicas e componentes fotográficos como forma de educação para expressão através das artes. O processo de intervenção na realidade dos mesmos, visou seu autoreconhecimento e empoderamento, ensinando-os a otimizar os registros fotográficos de forma a alcançarem melhor qualidade visual.*

1. Introdução

A Educomunicação, aliada à sua prática de caráter interventivo, vem se mostrando como uma forma de entender e solucionar problemas relacionados à comunicação e à educação, a partir de uma análise da bagagem sociocultural dos sujeitos.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma intervenção educ comunicativa envolvendo educação e tecnologia, neste caso a tecnologia escolhida foi a fotografia, tendo sido executada por alunos do curso de Comunicação Social, com linha de formação em Educomunicação, da Universidade Federal de Campina Grande.

Entende-se que as intervenções sociais são instrumentos de aplicação prática da Educomunicação, e que, segundo Almeida (2016) procuram oferecer recursos para que se possa *pensar diferente* sobre algo e conseqüentemente impulsionar ações e mudanças sobre este algo. Surge, então, a necessidade de compreensão das dimensões socioculturais do local onde a intervenção será aplicada. Mediante um diagnóstico com turmas de sétimo e oitavo ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Solon de Lucena, estudantes e interventores identificaram relações de poder nas formas de comunicação interpessoais, tanto entre os alunos, quanto entre eles e os gestores. A Educomunicação objetiva proporcionar espaços de fluxos comunicativos sem hierarquias, emancipatórios, com informações acessíveis, que facilitem a aprendizagem e que possibilitem aos alunos, na educação formal, o poder de ter voz no ambiente escolar. Redes de comunicação com essas características são chamadas de ecossistemas comunicativos. Durante a prática da ação educ comunicativa, os interventores dialogaram com os estudantes acerca das relações que os inferiorizavam dentro da escola. Logo em seguida, foi-lhes ensinado a evolução tecnológica da fotografia e sua forma de utilização. A seguir, os alunos foram desafiados a retratar seus sentimentos sobre o ambiente escolar usando a fotografia. Os interventores objetivaram, a partir da aplicação desta prática, empoderar os estudantes sobre seu lugar de fala dentro do espaço em que estão inseridos.

2. Introdução à Educomunicação

A Educomunicação, campo de intervenção social que identifica a relação de interseção existente entre a educação e comunicação, tem como principal pilar constituinte a interdiscursividade, espaço para dialogar e problematizar acerca da multiplicidade de informações. Essa inter-relação inaugura o que Metzker (2008 p. 3) considera como “[...] um novo paradigma discursivo transversal”.

Historicamente, a Educomunicação vem se afirmando e confirmando devido a eventos ocorridos nos últimos 20 anos na América Latina. Países como Venezuela, Brasil e Equador, transformaram as formas de educação para comunicação em objetos de políticas educacionais, segundo Soares (2002). A Educomunicação veio, por meio destas políticas públicas, envolvendo educadores e comunicadores sociais,

[...] alertar a população sobre duas principais condições: a invasão cultural, que por meio da veiculação massiva de produtos midiáticos importados colocava em risco a identidade nacional, e a exploração a que ela era submetida pelos governos, demonstrando serem os meios de comunicação utilizados como aparelhos ideológicos dos Estados (Almeida 2016 p. 3).

Um dos pioneiros a refletir sobre a inter-relação existente entre a comunicação e educação foi Paulo Freire, na medida. De acordo com Cogo (2000) o educador afirmou,

em seu trabalho *Extensão e Comunicação* (1983), que a “educação é comunicação e diálogo, visto que esta não é apenas a transferência de saber, mas também um encontro de sujeitos na busca da construção de significado”. Segundo Azevedo (2005), Freire é apontado por Soares (1999) como um dos autores que contribuiu para a formação de conceitos que servem de suporte para a ação de comunicadores educativos. Isto acontece quando Freire, na década de 70, reafirma que a educação para os meios de comunicação deve ser inerente ao programa de alfabetização, após lançar as bases para uma nova forma de pedagogia. Outro autor importante, ainda de acordo com Soares (1999), é Jesús Martín-Barbero, que na década de 1980 ao formular a Teoria das Mediações, proporcionou uma visão mais lúcida sobre os processos de recepção. Essa visão só foi possível porque Barbero deu à recepção das mensagens midiáticas a mesma importância concedida até aquele momento só concedida aos meios de comunicação na formação da cultura.

Enquanto campo do conhecimento, que possui identidade própria, a Educomunicação pode ser definida como “[...] conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação [...]” (Soares 2000 p. 115).

3. Ecossistemas Comunicativos

Entendendo que a principal finalidade das ações educacionais é a de estabelecer ecossistemas comunicativos, mantê-los e fortalece-los, resta entender o que são esses ecossistemas. Ecossistema comunicativo corresponde, de acordo com Almeida (2016 p. 7) a “[...] qualquer rede de comunicação que conecte pessoas com interesses em comum [...]”. Essas teias de comunicação se interinfluenciam e são interdependentes. E, para serem consideradas educacionais, devem se qualificar como inclusivas, democráticas e criativas, conforme Gottlieb (2010). Portanto, só são possíveis se antes forem abolidas as formas autoritárias de comunicação.

Quanto à educação formal, de acordo com Soares (apud Metzker 2008 p. 4), deve-se “criar e rever as relações de comunicação na escola, entre direção, professores e alunos, bem como da escola para a comunidade, criando sempre ambientes abertos e democráticos”. Elaborar essas redes de comunicação dentro do espaço escolar só seria possível, conforme Soares (apud Metzker 2008) se fossem constatados pontos de consenso, desejando melhorar as habilidades de professores e alunos no manuseio das tecnologias da informação.

4. Mediações

Algumas teorias da comunicação, como a Teoria Hipodérmica, explicam uma relação de troca de informações nas quais existem, um emissor ativo e um receptor passivo. Esse receptor é entendido como um indivíduo que irá receber e compreender as informações da forma como o emissor deseja. Porém, essa forma de entender a recepção desconsidera outros aspectos importantes do receptor, como aspectos sociais e culturais.

Para explicar a comunicação e seus efeitos, baseando-se nos estudos culturais, Jesús Martín-Barbero desenvolveu a Teoria das Mediações Culturais. Contrário à visão

da Escola de Frankfurt sobre os meios de comunicação de massa e a Indústria Cultural, Martín-Barbero percebe que a recepção de informações está dependente de questões socioculturais, ou seja, não existe uma dominação total de um emissor sobre um receptor tido como passivo, e sim, uma relação comunicativa dialógica, de recepção de conteúdo, que causa efeito nos receptores de forma individual, considerando a sua vivência e bagagem cultural.

A verdadeira proposta do processo de comunicação e do meio não está nas mensagens, mas nos modos de interação que o próprio meio – como muitos dos aparatos que compramos e que trazem consigo seu manual de uso – transmite ao receptor (Martín-Barbero 2002 p. 55).

Em resumo, Martín-Barbero acredita que não se deve focar os efeitos da comunicação somente nos meios, e sim, expandir a análise para as mediações e os aspectos socioculturais, observando a comunicação a partir da dimensão cultural. Podemos ver o conceito de mediação a partir da visão de Dantas (2008 p. 4), que afirma:

O ato de mediar significa fixar entre duas partes um ponto de referência comum, mas equidistante, que a uma e a outra faculte o estabelecimento de algum tipo de inter-relação, ou seja, as mediações seriam estratégias de comunicação em que, ao participar, o ser humano se representa a si próprio e o seu entorno, proporcionando uma significativa produção e troca de sentidos.

5. Áreas de Intervenção

Após pesquisa desenvolvida com a participação de 172 especialistas e profissionais da Educação e Comunicação de 12 países da América Latina, pelo Núcleo Comunicação e Educação do Departamento de Comunicação e Artes da ECA-USP, as áreas de intervenção da educomunicação foram sistematizadas (Soares 2017).

5.1 Epistemologia da Educomunicação

É a área da Educomunicação voltada para sua própria reafirmação enquanto campo de interseção entre Comunicação e Educação, existente e pertencente a Comunicação Social. A Epistemologia da comunicação tem como objetivos, segundo Almeida (2016 p. 15), “[...] analisar a origem, a natureza e a validade do conhecimento sobre Educomunicação para a sociedade”. Esta área surge como consequência da necessidade de estabelecer mecanismos com aprofundamento prático e teórico para o entendimento da Educomunicação. De acordo com Soares (apud Almeida 2016 p. 15), “o estudo epistemológico ocorre na academia, sendo conduzido metodologicamente e possibilitando o reconhecimento, a evolução e a legitimação do campo por meio de sistematizações e análises sobre seus objetos [...]”.

5.2 Produção Midiática

A produção midiática é uma área de intervenção em que trabalha a criação e o desenvolvimento de conteúdo com intuito educativo na forma de mídia. Esta produção é feita profissionalmente, desconsiderando formas amadoras. Para Soares (2014 p. 138) a

produção midiática é uma área que abrange “ações, programas e produtos da mídia elaborados a partir do parâmetro educacional”.

Como parâmetro educacional delimita-se a produção com intencionalidade educativa elaborada em ambientes educacionais formais ou não, que ao promover o conhecimento crítico se nutra de: princípios democráticos e valores como a cidadania, a solidariedade, a criatividade, o diálogo horizontalizado (Almeida 2016 p. 16).

A mídia pode ser entendida como ato de divulgação nos meios de comunicação, um programa de computador ou algum dispositivo tecnológico. Enquanto produto midiático, este pode ser divulgado e exibido em meios de comunicação tradicional ou alternativo como: rádio, TV, internet, veículo impresso, entre outros. Exemplos de produtos midiáticos são: vídeos, livros, jornais, revistas, filmes, documentários, músicas, animações, jogos, etc.

5.3 Educação para a comunicação

Segundo Metzker (2008 p. 5) “Essa área é baseada nos estudos da recepção e reflete sobre as relações entre produtores, o processo produtivo e a recepção das mensagens”. O principal produto de estudo dessa área de intervenção é a comunicação, seja ela direta ou mediada. A educação para comunicação tem como objetivo levar os indivíduos pertencentes a grupos sociais a se comunicar de maneira efetiva; ensinar a realizar uma leitura crítica das mensagens emitidas pelos meios de comunicação, conhecida como Educação para os meios.

Segundo Soares (apud Metzker 2008 p. 6)

Educação para os Meios estuda o impacto social que os meios de comunicação promovem na sociedade, as implicações da comunicação mediatizada, a participação e a modificação do modo de percepção que ela propicia. Como resultado, essas ações promovem “o papel do trabalho criador, o acesso e o uso autônomo e livre dos recursos e linguagens da comunicação para a expressão dos indivíduos e grupos sociais.

Os responsáveis por aplicar esse tipo de intervenção podem usar diversas estratégias para levar os participantes a uma melhora nas relações comunicacionais e também na leitura crítica dos meios. Podendo ensinar os participantes a produzir conteúdo midiático, como jornais, programas de rádio e TV, vídeos para web, realizando a leitura analítica dos produtos midiáticos que estão inseridos na realidade de cada um. A intenção é fazer com que os indivíduos aprendam a se comunicar para que possam manter um diálogo ativo com os outros, que passem a enxergar as produções midiáticas de maneira crítica e consciente, abandonando a recepção passiva. Essas ações resultam no empoderamento e protagonismo do sujeito.

5.4 Pedagogia da comunicação

Essa área de intervenção tem como objetivo a criação de ambientes favoráveis para a existência de relações interpessoais horizontalizadas e dialógicas, que facilitem o aprendizado dos mais diversos conteúdos.

Segundo Ismar Soares (2011 p. 48):

A área da *pedagogia da comunicação* referenda-se na educação formal (o ensino escolar), pensando-a como um todo. Mantém-se atenta ao cotidiano da didática, prevendo a multiplicação da ação dos agentes educativos (o professor, e o aluno trabalhando juntos), optando, quando conveniente, pela ação através de projetos.

A pedagogia da comunicação se apropria dos meios e das vertentes da comunicação para construir conhecimento de forma multidisciplinar, viabilizando a mudança das estratégias de ensino, inovando-as, para facilitar a compreensão por parte dos interlocutores e dessa forma incentivando-os a se expressar, assumindo um papel ativo dentro das interações dialógicas. A pedagogia da comunicação não se restringe apenas ao ambiente escolar, ela também pode ser aplicada em ambientes corporativos, comunitários, etc.

Segundo Almeida (2016 p. 20) “A pedagogia da comunicação implica em não fornecer respostas prontas, não impor pontos de vista.”. O profissional da pedagogia deve apresentar os diversos pontos de vista sobre determinado assunto, comparando-os para assim poder refletir e justificar suas conclusões.

A pedagogia trata do ensino, porém o processo de aprendizagem, não pode mais acontecer de maneira vertical, mantendo os alunos em condição de passividade, eles precisam da oportunidade para agir de forma autônoma e ativa. Nesse caso, o professor atua como um mediador do processo de aprendizagem, fazendo o uso dos meios de comunicação, estabelecendo uma relação com o conteúdo escolar.

5.5 Mediação tecnológica na comunicação

A área de mediação tecnológica na educação tem como intuito a implementação de ferramentas tecnológicas comunicativas na educação, que para Soares inclui, “[...] os modernos recursos da informação, especialmente o computador, vieram abalar a dicotomia entre Comunicação e Educação, permitindo aos educadores e educandos a ampliação de suas possibilidades de expressão e de produção cultural” (Soares 2002 p. 121). O uso das tecnologias tem o objetivo de ampliar e melhorar a aprendizagem, tornando o ensino mais democrático, juntamente com a mediação na adequação e aperfeiçoamento do uso desta ferramenta no aprendizado.

[...] as tecnologias têm um papel essencial: elas não são meros instrumentos para melhorar a performance do professor; devem ser usadas para melhorar a performance de todos, sejam professores sejam alunos seja a própria comunidade. Porém não podem ser vistas apenas como instrumentos; o cenário e o ambiente em que atuam também devem ser considerados, ou seja, a tecnologia deve ser vista como mediação. Na escola, a tecnologia e os meios de comunicação podem ser usados para promover a integração do grupo, abolindo a centralização e valorizando a pluralidade (Metzker 2008 p. 7).

5.6 Gestão da comunicação

Gestão da comunicação é mais uma das 7 áreas de intervenção da Educomunicação que tem por objetivo proporcionar a criação de ambientes democráticos, organizados sem estruturas hierárquicas ou de relações de opressão. O trabalho de um gestor se dá a partir do diagnóstico sobre ecossistemas comunicativos, que é o principal instrumento de análise da Educomunicação. O ecossistema comunicativo diz respeito, segundo Metzker (2008 p. 9), a: “[...] conjunto de ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional”. A gestão comunicativa se dá em espaços educativos formais, informais e na educação a distância. O profissional da área, o gestor, se preocupará em observar o ambiente comunicacional, suas necessidades comunicativas e por fim, segundo Almeida (2016 p. 31), o gestor “[...] propõe e acompanha a implantação de estratégias e de meios de comunicação que permitam ampliar o coeficiente comunicativo e fortalecer as relações, considerando as possibilidades oferecidas por todas as áreas de intervenção”.

5.7 Expressão através das artes

Essa área de intervenção se apodera das diversas linguagens artísticas para promover a interação social entre sujeitos pertencentes aos grupos sociais, incentivando-os a manter contato uns com os outros e a usar os meios artísticos para se expressarem.

Através da concepção apresentada por Ismar Soares (2011 p. 47) pode-se compreender que: “A área a *expressão comunicativa através das artes* está atenta ao potencial criativo e emancipador das distintas formas de manifestação artística na comunidade educativa, como meio de comunicação acessível a todos”. Em outras palavras, está voltada à capacidade inventiva e libertadora das diferentes configurações de expressões artísticas existentes no espaço educacional, tornando-se um meio de comunicação que estimula o acesso igualitário por parte das pessoas.

O diálogo apresenta-se como foco da proposta educacional. As manifestações artísticas são usadas para criar possibilidades de contato entre as pessoas e para que elas possam usá-la como forma de expressão. Segundo Almeida (2016 p. 27):

Há casos em que o uso da linguagem verbal ou escrita não dá conta de criar as condições necessárias para o diálogo, assim como outros em que não é possível expressar o que se quer dizer, ou estabelecer contato com uma pessoa, a não ser usando as linguagens artísticas, que irão auxiliar tanto nos fluxos de diálogo, como na construção de conhecimento, deflagrando um processo que, muitas vezes é inatingível por outras linguagens.

A linguagem artística oferece a possibilidade de explorar outros caminhos para atingir o diálogo, pois os padrões tradicionais de linguagem (verbal e escrita), podem por vezes não serem eficientes para a plena expressão dos sujeitos.

Expressão comunicativa pelas artes, para Metzker (2008 p. 12), “[...] diz respeito a atividades geralmente coordenadas por arte-educadores no sentido de garantir espaços de fala, visibilidade e livre expressão dos sujeitos sociais”.

Mediante a perspectiva educomunicativa, usar as artes como forma de expressão, possibilita uma livre comunicação por parte dos indivíduos, auxiliando na reafirmação de suas identidades culturais. O uso da arte desperta a sensibilidade do ser humano, o instiga a usar criatividade, e o imaginário, entre vários outros sentidos, além de ajudar no aumento da capacidade motora. Por fim, expressão pelas artes não significa apenas o uso técnico de suas linguagens, mas sim um processo comunicativo que visa estabelecer a conexão entre pessoas, construindo um ambiente dialógico de livre expressão.

6 Aplicação da intervenção

6.1 Arte e fotografia

A fotografia é arte, segundo o próprio significado etimológico da palavra em que “foto” significa luz e “grafia” significa escrever, logo, fotografia se traduz em escrever com a luz. Historicamente, a fotografia surgiu no século XIX, com o resultado obtido por Joseph Nicéphore Niépce partindo do princípio da câmara escura, quando obteve a primeira fotografia reconhecida pela história, datada do ano de 1826. A câmara escura é uma caixa na qual possui um orifício em um dos lados para a entrada de luz em seu interior, na fotografia feita por Niépce, esta luz ao ser direcionada a uma superfície metálica, revestida com asfalto, era gravada nela a imagem emitida, porém, perdia-se rapidamente a imagem ao entrar em contato com a luz externa. A primeira fotografia teve uma exposição de oito horas e foi fixada com o ácido encontrado na urina (Oliveira 2005).

Assim como a pintura, a fotografia possui técnicas que podem ser utilizadas para atribuírem sentido a sua foto, as técnicas fotográficas são usadas para a criação de enquadramentos e composições fotográficas. Ângulos, uso da luz, regra dos terços, o uso das técnicas citadas anteriormente, resulta na diversificação do sentido de imagem. O fotógrafo tem a possibilidade de fazer recortes da realidade, transformá-los em imagens e através do uso das técnicas, aliado a sensibilidade fotográfica, eles podem gerar diversos sentidos para os determinados recortes. Enquadrar é definir o que fará parte da imagem, e composição fotográfica consiste na ordem dos elementos enquadrados no primeiro plano e nos planos secundários da imagem. Também faz parte da composição, a inclusão e o equilíbrio de cores, texturas e formas, que quando são combinadas de forma harmoniosa, resultam em imagens de agradável visualização.

Os ângulos dão à fotografia diversas impressões, existe a possibilidade de usar a câmera na posição vertical ou horizontal. As fotografias podem ser feitas em frente ao assunto o que gera imagens chapadas, sem volume, em diagonal, resultando em tridimensionalidade, e volume, ou ainda podem ser feitas de cima para baixo ou de baixo para cima, o que chamamos de plongée e contra-plongée. No plongée, acaba criando para o assunto (objeto, pessoa, etc.), uma perspectiva de pequenez, opressão, impotência e inferioridade, pois o torna menor do que realmente é. Já no contra-plongée,

o assunto é retratado de baixo para cima, passando uma impressão de grandiosidade, autoridade, imponência (Durand 2017).

Na composição temos a regra dos terços, que serve para dar equilíbrio a imagem. A regra dos terços é composta por duas linhas imaginárias horizontais e duas verticais, dividindo o visor da câmera em nove retângulos iguais. Os pontos de intersecção dessas linhas são chamados de pontos de ouro. Neles deve-se posicionar os principais objetos da cena, pois é cientificamente comprovado, que o olhar humano quando observa uma fotografia, é atraído primeiramente até esses pontos. A regra dos terços também serve para gerar impressão de movimento e direção. A luz, serve para sensibilizar a imagem, permitindo ao fotógrafo retratar e focalizar determinado objeto. Informa sobre tamanho, forma, contorno, volume profundidade e cor do assunto. Realça ou torna irrelevantes alguns conteúdos da imagem, além de atuar na criação de emoções, como: tristeza, raiva, alegria, amor, pureza, entre outros.

6.2 Objetivos

Tendo em vista o potencial expressivo que a arte possui, no sentido que ela constrói linguagem e exterioriza as sensações de seres dotados de emoção, afetividade, razão, cognição e subjetividade — os seres humanos — esta pode proporcionar ao aluno a construção e reflexão sobre áreas do conhecimento. No livro *Inquietações e Mudanças no ensino da arte*, a autora Ana Mae Barbosa fala sobre o potencial da arte, ao dizer:

Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (Barbosa 2003 p. 18).

Durante o segundo contato com os alunos, no decorrer do diálogo, os interventores diagnosticaram relações de opressão, a exemplo, o machismo sofrido pelas alunas, constataram também o *bullying*, gordofobia, racismo e outros problemas relacionados a riscos feitos em locais indevidos e falta de estrutura escolar. Logo após a conversa e apresentação da história da fotografia e apresentação das técnicas fotográficas, foi-lhes proposto que retratassem o que os incomodava ou chamava atenção, dentro do ambiente escolar. O intuito dessa atividade, como defende a Educomunicação, era, além de proporcionar melhorias no coeficiente comunicativo dos alunos, empoderá-los sobre o seu poder de gerar mudanças dentro da escola, resultando no aumento da autoestima deles. Quanto às técnicas, os interventores tiveram como propósito ensinar técnicas para auxílio do uso da fotografia no cotidiano dos alunos e para que pudessem aprimorar as próprias *selfies*, retratos de ambientes aleatórios e o uso das fotos nas redes sociais.

6.3 Metodologia

Ao escolher o público alvo e um local para aplicação do projeto, um dos interventores fez uma primeira visita até a escola, apresentando o projeto de expressão através da fotografia, sendo aprovado e cedido o espaço para a aplicação do projeto. Em seguida, o

Diretor Adjunto acompanhou um dos interventores até as salas de aula com a faixa etária do público alvo, para a realização da apresentação do projeto para os estudantes, os interessados deveriam informar na diretoria a participação no projeto.

Na segunda visita ocorreu a intervenção, primeiramente foi apresentada a história da fotografia, em seguida, uma introdução de expressão através da fotografia se utilizando de suas técnicas, dentre elas, enquadramento, ângulos e regra dos terços. Sendo realizada na biblioteca da escola, em 3 mesas, onde ficaram cerca de 5 alunos cada, foram distribuídos retângulos recortados como molduras para ajudar a sensibilidade fotográfica e demonstrar como se dá o enquadramento e o uso da regra dos terços. Em seguida, instigou-se o debate entre os interventores e alunos participantes, abordando assuntos de interesse coletivo de para fotografar, explicando como fariam fotografias expressando esses temas, de acordo com as possibilidades e acesso na escola.

Os participantes utilizando smartphones, saíram pela escola em busca de locais, pessoas ou objetos para fotografar livremente. Ao retornarem para a biblioteca, exibiram para os interventores as fotos que eles fizeram, explicando o intuito e o que eles queriam retratar ou expressar através das fotos feitas por cada um.

6.4 Avaliação

Através da linguagem fotográfica, os participantes conseguiram abordar alguns dos temas debatidos em conjunto. No momento da avaliação, os interventores observaram as fotos capturadas pelos alunos e em seguida foram levantadas questões referentes aos conceitos técnicos de cada imagem e sobre as motivações adotadas para o uso de cada técnica. Logo depois, eles foram questionados a respeito dos temas abordados em suas imagens. Foi constatado que os participantes elaboraram fotografias com o intuito de dar relevância aos temas abordados que mais lhes interessavam.

Dessa forma, através dos relatos dos estudantes, os interventores realizaram uma análise dos depoimentos orais e das produções fotográficas. Cada participante teve um momento reservado para explicar ao grupo o sentido das imagens capturadas e sobre quais seriam as questões sociais que as mesmas abordavam. Observou-se que durante os debates, alguns dos participantes debatiam entre si, os temas propostos.

7 Considerações Finais

Este trabalho propôs, como objetivo geral, a produção de uma soma de elementos para a representação bibliográfica da Educomunicação e suas áreas de intervenção, para a aplicação de projetos educacionais, através da implantação de ecossistemas comunicativos e do uso da comunicação mediada. Através da aplicação de um projeto educacional na área de intervenção de expressão comunicativa pelas artes, o trabalho mostra os resultados obtidos após a inserção da prática educacional. Ao grupo de participantes foi proposta a possibilidade de expressão através da linguagem fotográfica, para que os mesmos pudessem retratar, temas como: machismo, racismo, gordofobia, estrutura escolar, entre outros temas de interesse coletivo.

Observa-se que a ação educacional proporcionou uma mudança significativa, com relação a rotina de ensino dos estudantes. Primeiramente eles puderam se deslocar do ambiente formal da sala de aula, para um ambiente que possibilitava uma maior interação entre eles. Em seguida, o uso da linguagem fotográfica como forma de expressão, proporcionou aos participantes a oportunidade de uma comunicação até então, não convencional, com aparelhos proibidos para o uso escolar, seus aparelhos celulares, como proposta da integração tecnológica como ferramenta de ensino e comunicação.

A intervenção trouxe para os estudantes, uma nova forma de falar sobre os problemas que eles enfrentam a cada dia. Através do espaço de fala, puderam expressar de forma autônoma, suas inquietações com o regime e a estrutura escolar, assuntos que segundo eles, são de difícil debate dentro das salas de aula.

Dessa forma, constata-se que a Educomunicação, além de levar aos estudantes uma nova percepção a respeito de suas necessidades de comunicação, proporcionou um espaço de livre diálogo, onde os mesmos puderam conhecer as problemáticas sociais de seus colegas, e ainda puderam usar da linguagem artística para obter interação e espaços de fala.

Referências

- Almeida, Ligia Beatriz Carvalho de. (2016) “Projetos de intervenção em educomunicação”.
http://issuu.com/ligiacarvalho77/docs/as_reas_de_interven_o_da_educo/1.
Acesso em: 07 de fevereiro de 2017.
- Azevedo, Sandra Raquew dos Santos. (2005). Gênero, rádio e educomunicação: caminhos entrelaçados. João Pessoa: UFPB. 116p.
- Barbosa, Ana Mae (Org). (2003) Inquietações e mudanças no Ensino da Arte. São Paulo: Cortez.
- Cogo, Denise. (2000). “Da comunicação rural aos estudos de audiência”. Rastros. Revista do Necom. Joinville, Santa Catarina, ano I, n. I.
- Dantas, José Guibson Delgado. “Teoria das Mediações Culturais: Uma Proposta de Jesús Martín-Barbero para o Estudo de Recepção”.
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0015-1.pdf>>. Acesso em: 07 de set. 2016.
- Durand, Fábio. “Morfologia, Sintaxe, Estilística e Dramaturgia”.
<http://www.cinema.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1072>>. Acesso em: 09 abr. 2017.
- Gottlieb, Liana. (2010) “Da leitura crítica dos meios de comunicação à educomunicação”. Revista Trama Interdisciplinar, São Paulo. v. 1, n. 2, p. 97-113,.

- Martin-Barbero, Jesús. (2002) América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social in Sousa, Mauro Wilton (org.). Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, p. 39-68.
- Metzker, Gabriela Felipe Rodrigues. (2008) “Educomunicação: o novo campo e suas áreas de intervenção social”. Universidade de São Paulo, São Paulo. <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0208-1.pdf>. Acesso em: 18 set. 2016.
- Oliveira, Erivam Morais de. (2005) “Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital”. *Communicare* (São Paulo), São Paulo, v. 5, n. 1, p. 159 - 165.
- Soares, Ismar de Oliveira. (2002) “Metodologia da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina” in Baccega, Maria Aparecida (Org). *Gestão dos processos comunicacionais*. São Paulo: Atlas.
- Soares, Ismar de Oliveira. (1999) “Comunicação-educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais”. Brasília. *Revista Contato*, ano I, n. 2. jan/mar.
- Soares, Ismar de Oliveira. (2014) “Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação (Editora Paulinas)”. *Comunicação & Educação*, Brasil, v. 19, n. 2, p. 135-142, set. 2014.
- Soares, Ismar de Oliveira. (2011) *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas.
- Soares, Ismar de Oliveira. “O perfil do educador”. <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/29.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2017.